

(Conclusão)

boim rendimento é possível, pois o cafeeiro exige, como condição de boa produtividade, clima relativamente fresco, como esclarece Augusto Ramos. De modo que, nestas regiões de latitude mais baixa e, portanto, de temperatura mais elevada, o clima para se manter propício ao cafeeiro precisa ganhar em altitude o que perde em latitude.

Sendo, ainda, a camada de humo pouco espessa e o regime de chuvas impróprio ao ciclo vegetativo do cafeeiro, acontece que, à medida que se avança de S. Paulo para o norte do Brasil, a produção por unidade vai diminuindo e os cafezais vão-se estendendo pelas encostas elevadas.

Pode-se dizer que na Bahia se extingue a cultura do café, pois a produção dos Estados do Norte é, praticamente, insignificante e nada se faz na economia cafeeira do Brasil.

Não só as condições ecológicas mais favoráveis do Estado de S. Paulo contribuem para o maior rendimento e produção dos seus cafezais, como, também, sendo o clima do planalto propício ao colono europeu, pode o Estado beneficiar-se largamente com as correntes imigratórias incentivadas, no final do século XIX, após a abolição da escravidão, dispondo, assim, de abundante mão-de-obra para tratar de suas extensas plantações.

Deste modo, a organização do trabalho em S. Paulo, onde este é feito, predominantemente, pelos "colonos" de origem italiana, espanhola, portuguesa ou japonesa, difere bastante das outras regiões cafeeiras do Brasil, onde o trabalho é feito, de preferência, por elementos nacionais.

Dentro do próprio Estado de S. Paulo, verifica-se uma diversidade no sistema de trabalho. A região do Estado situada a oeste da capital, de terras muito férteis e onde se instalaram as grandes fazendas, com milhares de pés de café, exerceu uma atração maior sobre os imigrantes, do que o leste, mais pobre, mais montanhoso, com solo menos permeável e profundo e, consequentemente, produzindo colheitas menos abundantes e remuneradoras que tornavam, portanto, o trabalho pouco rendoso.

O preparo do terreno para a plantação do café, isto é, a roçada, derrubada das árvores e queimada, é quase sempre feito por elementos nacionais, bem adestrados nesse serviço, qualquer que seja a região cafeeira.

Na região oeste de S. Paulo, os "colonos" são quase todos estrangeiros, trabalhando mediante contrato com o fazendeiro, com vantagens e obrigações de parte a parte. Tais contratos duram, geralmente, um ano. Entrando em vigor no fim das colheitas podem ser renovados ou prorrogados ao fim de cada ano de serviço. A eles cabe o trabalho do plantio do café, que pode ser feito diretamente pela introdução das sementes no solo ou, então, mediante a plantação de mudas em vasos, jacás, etc., covas previamente abertas, alinhadas e separadas pelos "carreadores", verdadeiras ruas, por onde transitarão, na época da colheita, os veículos destinados ao transporte do produto.

Os "colonos" são também incumbidos de cuidar das culturas: as capinas ou carpas feitas 3 ou 4 vezes ao ano, a poda e adubação dos cafezais, a colheita, secagem e transporte do café para ser beneficiado. Os "colonos" ganham uma determinada quantia pelo tratamento de 1.000 pés de café, variando aquela em função do custo de vida e com a abundância ou escassez de braços.

Geralmente, nos cafezais novos, o proprietário da fazenda permite aos "colonos" plantarem milho, feijão, batata, etc., entre as filas de cafeeiros e como lhes pertencem integralmente as colheitas, tem eles, assim, um lucro adicional.

## CAMINHA O NORDESTE PARA A AUTOSUFICIÊNCIA EM CARNE BOVINA

— "Por ocasião da recente seca de 1958, constatou-se que os maiores prejuízos da agricultura do Polígono das Secas, sob o ponto de vista financeiro, foram relacionados com a perda de peso do gado e com a morte de grande número de rées" — declarou ao repórter o sr. George Barr, economista agrícola da FAO, que há mais de três anos, vem assessorando o Banco do Nordeste do Brasil, em matéria da sua especialidade.

— "A fim de evitar a repetição desta verdadeira dizimização dos rebanhos da região, o Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste, do B.N.B., decidiu adotar como uma das suas metas básicas, o estudo das pastagens e da alimentação em geral do gado de corte juntamente com os problemas relacionados com o algodão Moccó, uma das maiores riquezas do Nordeste".

## Algodão Moccó e alimentação de gado

A missão do técnico da FAO junto ao Banco do Nordeste do Brasil é de estudar as possibilidades de desenvolvimento da região nordestina, colaborando nos trabalhos de planejamento e treinamento do pessoal, em tarefas relacionadas com o suprimento de bens de consumo (procura, custo de produção, etc.). De acordo com o pronunciamento do economista agrícola G. Barr, algodão moccó e alimentação de gado foram os dois "pontos de ataque" eleitos pelo ETENE.

Para este fim foram constituídas duas equipes de trabalho — integradas por pessoal do próprio Banco — que tiveram o curso de treinamento local complementado com bolsas de estudo no exterior, oferecidas pela FAO e pelas Nações Unidas.

Com referência aos aspectos econômicos das pastagens e da alimentação de gado, realizaram cursos nos Estados Unidos.

Quando o número de "colonos" é insuficiente para realizar todo o trabalho, o fazendeiro ajusta turmas volantes, de nacionais, na maioria, para auxiliar nas capinas e, principalmente, na colheita, época em que se necessita de numerosos braços. Terminada esta, os trabalhadores dessas turmas são, em geral, dispensados, exceto quando persiste a falta de "colonos".

Os filhos déstes, depois dos sete anos vão para a roça auxiliar os trabalhos, bem como as mulheres, quando lhes permitem os misteres caseiros. Nas fazendas, as famílias vivem separadamente, em suas casas, sempre bem localizadas e que, reunidas em grupos, formam as "colônias".

Este sistema de trabalho, no qual, terminado o ano agrícola, pode o "colono" engajar-se para trabalhar em outra fazenda, gera nele certo "nomadismo", buscando sempre as fazendas novas, onde, com a plantação de cereais entre as filas dos cafeeiros, pode aumentar seus lucros. A grande ambição dos "colonos" é adquirir um lote de terras, tornando-se eles, por sua vez, pequenos proprietários. Assim foi que centenas deles se tornaram lavradores por conta própria, fazendo a sua independência econômica.

Já o sistema de trabalho na zona oriental de S. Paulo, representa uma transição entre o trabalho das fazendas fluminenses, de que são o prolongamento natural, e o das fazendas do oeste paulista. É um sistema de trabalho misto.

Como vimos, nesta zona, por influência das condições naturais, os trabalhadores das fazendas são quase todos nacionais, muito mais arraigados à terra e menos ambiciosos do que o colono estrangeiro.

As lavras cafeeiras são tratadas pelo sistema de trabalho por porcentagem ou parceria nas colheitas, em geral, "a meias",



Sr. George, economista agrícola da FAO.

nas Universidades de Arizona e do Texas, respectivamente, os srs. Eduardo Bezerra e Pedro Mariz.

## Melhores pastagens, maior produção

Concluindo, o sr. Barr, que se encontra entusiasmado por seu trabalho e encantado com o apoio que vem recebendo do B.N.B. para o desempenho da sua missão, acrescentou:

— "O Programa para aumentar e aprimorar os suprimentos alimentares e as pastagens para os rebanhos bovinos destinados ao corte, vem crescendo em importância à medida que o tempo passa. Este programa oferece a oportunidade de se aumentar a produção de carne no Nordeste em tal escala que, dentro de poucos anos, apesar do crescimento populacional, não haverá mais "déficit" na produção deste importante alimento nesta região do Brasil".

cabendo a cada família, como remuneração pelo tratamento dos cafezais, metade do produto delas. Geralmente, o "colono", que também é chamado "agregado", vende ao próprio fazendeiro a parte do café que lhe sobra, ainda não beneficiado.

— No entanto, quando ele o vende a estranhos, o beneficiamento é feito à sua própria custa.

Exceto quando se uma parte das lavras de Minas Gerais e do Paraná, situadas nas fronteiras de S. Paulo e que seguem o mesmo sistema de trabalho daquele Estado, as demais lavras cafeeiras do Brasil, são, na grande maioria, tratadas pelo sistema de "meação" ou de "terças", cabendo ao colono, neste caso, em vez da metade, a terça parte da colheita. Também é comum os fazendeiros empregarem turmas de trabalhadores, assalariados por dia, para o tratamento dos cafezais, distribuídos em "citos" pelos "apontadores", que são os encarregados de dirigir as turmas.

Quando há grande falta de braços, outro sistema de trabalho é, comumente, adotado pelos fazendeiros: é o trabalho por empreitada, organizando os empreiteiros as turmas para realizar o serviço.

Nos Estados do Norte em que se cultiva café, o sistema geralmente adotado é o do salário.

A lavra do café no Brasil já foi das mais ricas do mundo, estando hoje reduzida a pouco mais de 2.300.000 tons de pés. A despeito das crises de superprodução, dos graves erros cometidos na política do café, da proibição de novas plantações em vigor durante alguns anos, do impulso dado à policultura, o café tem sido e continuará a ser o eixo da economia brasileira, reputando-se profundamente, as suas crises, no organismo político e econômico do Brasil".